

## As Unidades Agrárias da freguesia de Lustosa (Lousada) no século XVIII: contributos para o seu estudo



Na freguesia de Lustosa, como noutras áreas do concelho de Lousada, abundam as “quintas” e “casas” que constituem marcos incontornáveis na geografia e toponímia da paisagem do território. Muitas vezes com origem na Idade Média, estas estruturas revelam uma ampla diacronia, sendo o período áureo de edificação e/ou reedificação registado no século XVIII. Embora evidenciem uma certa unidade arquitetónica, vinculada pela adaptação à tipologia de propriedade, ao sistema de produção, ao regime demográfico e ao fundo tecnológico local, o mesmo que dá corpo a grande parte das dependências rurais associadas (currais, beirais, lagares e moinhos), a análise destas estruturas permitiu detetar singularidades locais que aqui se dão a conhecer.

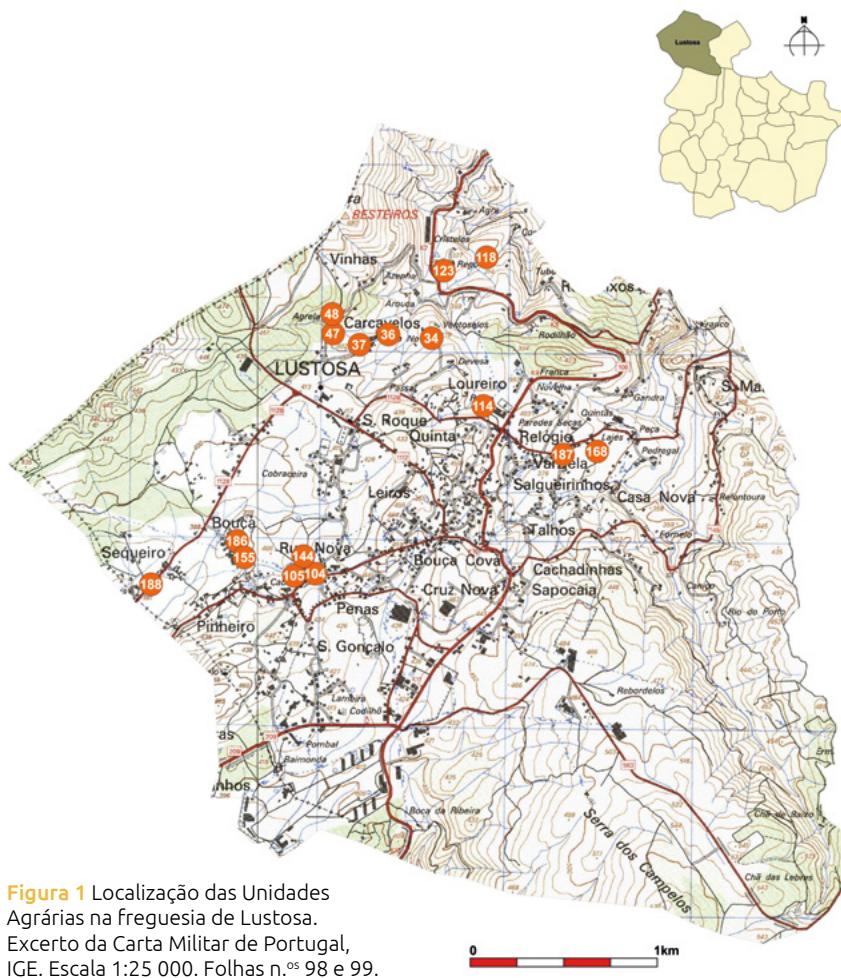
---

### Texto e Fotografia

Manuel Nunes  
Arqueólogo  
[manuel.nunes@cm-lousada.pt](mailto:manuel.nunes@cm-lousada.pt)

Paulo Lemos  
Arqueólogo  
[paplemos@gmail.com](mailto:paplemos@gmail.com)

À semelhança do que se verifica um pouco por toda região de Lousada, também a freguesia de Lustosa conserva importantes traços de ruralidade vinculados pela presença de um número particularmente abundante de unidades agrárias<sup>1</sup> que, num quadro de certa unidade tipológica, conservam características peculiares e assinaláveis diferenças de pormenor, resultantes, umas vezes de fatores histórico-culturais, outras do tipo de materiais empregues, da sua localização e exposição aos elementos ou das inovações tecnológicas introduzidas ao longo dos tempos por iniciativa dos sucessivos proprietários. Embora algumas destas unidades de exploração agrícola surjam apenas na época Moderna e/ou Contemporânea, assumindo, frequentemente, as designações dos lugares onde se implantaram<sup>2</sup>, em alguns casos é possível determinar a sua origem e contexto pré-moderno, através da toponímia documental. Na opinião de José Mattoso (1986:183), essa toponímia, ao remeter continuamente para as realidades e vocabulários da geografia e da agricultura, evidencia um desejo de apropriação rural do espaço. Este ímpeto de conquista de solos incultos, que não raras vezes surge na designação das povoações medievais recenseadas na documentação, sugere um movimento continuado de arroteamento de áreas incultas de matos (ex.: topónimo *Sanguinhedo*) e de floresta, muitas vezes à custa da edificação de estruturas de divisória e de limitação do *ager* (ex: topónimo *Paredes Secas*). Os topónimos *Bouça* e *Surribas*, ambos ainda hoje conotados com unidades



**Figura 1** Localização das Unidades Agrárias na freguesia de Lustosa. Excerto da Carta Militar de Portugal, IGE. Escala 1:25 000. Folhas n.ºs 98 e 99.

agrárias da freguesia de Lustosa, são igualmente exemplo dessa estratégia de povoamento e alargamento das terras aráveis que teve por base diversos modelos de propriedade. Embora os *prédios* fossem sempre sub-unidades culturais das *villæ*, ocupando as *quintas* e os *casais* lugares de destaque como lembrou Rosa Moreira da Silva (1983:14), as unidades de exploração agrícola integravam, para além da casa de habitação e respetivos anexos,

<sup>1</sup> Por *unidades de exploração agrícola* entendem-se as *casas rurais* enquadráveis no modelo de casa-bloco, tanto térreo como de andar, definido por Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano (1998), para a denominada *Zona Atlântica*.

<sup>2</sup> Na descrição das aldeias da Freguesia de Lustosa nas Memórias Paroquiais de 1758, o abade Pedro António Barreto de Menezes identificou 43 lugares, a grande maioria dos quais ainda hoje se encontra associada à designação de uma ou mais unidades agrárias implantadas nesses locais (e.g. Quinta de Surribas no lugar de Surribas; Casa de Carcavelos no lugar de Carcavelos, etc.). (Capela, 2009:314).

Cód. Inv.	Nome	Localização		Planta	Data gravada no portal
		Latitude	Longitude		
LUS34	Casa da Franca (curral)	41°20'29.4"	08°18'48.4"	Retangular	1729
LUS36	Casa de Carcavelos de Baixo	41°20'28.4"	08°18'59.5"	"L"	1768
LUS37	Casa de Carcavelos de Cima	41°19'57.9"	08°19'40.4"	"U"	1733
LUS47	Casa da Agrela	41°20'30.4"	41°20'30.4"	Retangular	1739
LUS48	Casa da Agrela de Baixo	41°20'29.5"	08°19'10.6"	Indeterminado	1777
LUS104	Casa da Presa	41°19'47.9"	08°19'15.2"	"U"	1762
LUS105	Quinta do Souto (1)	41°19'48.6"	08°19'16.1"	"L"	1708
LUS114	Quinta do Reino	41°20'15.9"	08°18'35.4"	"U"	1774
LUS118	Quinta de Cristelo	41°20'42.2"	08°18'34.9"	"U"	1758
LUS123	Quinta do Rego	41°20'39.4"	08°18'43.9"	"L"	1764
LUS144	Quinta do Souto (2)	41°19'49.0"	08°19'16.3"	"U"	1766
LUS155	Casa da Quinta	41°19'50.6"	08°19'31.1"	"L"	1774
LUS168	Quinta do Outeiro	41°20'08.1"	08°18'08.5"	"U"	1774
LUS186	Quinta da Bouça	41°19'51.8"	08°19'31.6"	"U"	1720
LUS187	Casa da Laje	41°20'7.73"	8°18'19.87"	"U"	1763
LUS188	Quinta de Sequeirô	41°19'45.2"	08°19'51.5"	"U"	1700

Tabela 1

Caracterização das Unidades Agrárias da freguesia de Lustosa com cronologias do século XVIII.

*uma parte de ager e outra de saltus (...), como que formando um micro-silvo-sistema* (Almeida, 1978:50), onde a diversidade de trabalhos agrícolas, nomeadamente no que respeita ao amanho dos cereais, se fixava, frequentemente, sob a forma de topónimos, como aconteceu com *Sequeiro* (atual Sequeirô).

Durante o Antigo Regime, entre os séculos XVI e XVIII, apesar das *quebradas* e sobretudo das *quintas*, continuará a ser o *casal*, com toda a sua diversidade estrutural, a assumir predominância

como unidade base de exploração agrícola, prevalecendo os casais de pequena e média extensão até à segunda metade do século XVIII, altura em que por força das circunstâncias, a sua estrutura se modifica e a subdivisão se tornou mais acentuada. *Independentemente disso, sabe-se que em cada casal, quebrada ou quinta existiria, geralmente, um centro dinamizador de todo o trabalho agrícola*

*ai realizado. Ai se guardavam as alfaias agrícolas e as sementes, para ai se canalizavam as produções, ai se localizavam as casas dos camponeses, paredes meias com as cortes de gado. Do seu bom apetrechamento, não só em elementos de transformação – moinhos, azenhas, lagares e pisões – como em elementos de apoio e armazenamento – eiras e celeiros – dependia, indubitavelmente, uma mais eficaz exploração, um melhor aproveitamento das produções, um maior apego do lavrador à terra. Da sua existên-*



Figura 2 Portal e fachada da Casa de Carcavelos de Cima (LUS37)

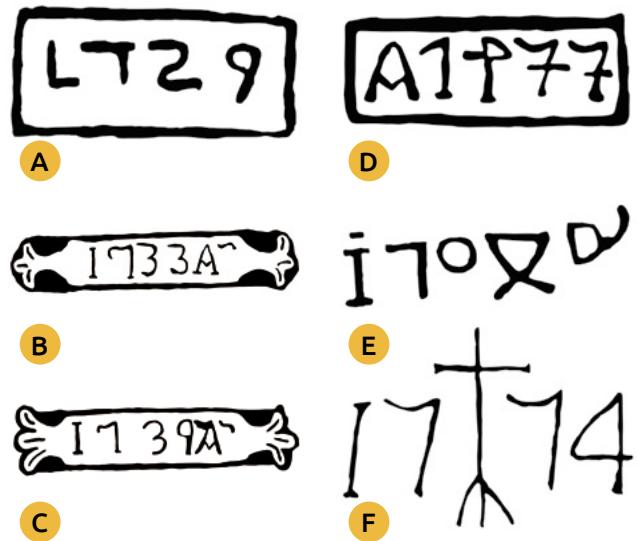


**Figura 3** Aspeto da fachada norte da Quinta do Reino (LUS114)

cia se poderá, inclusivamente, inferir a riqueza da propriedade e as suas potencialidades produtivas (Silva e Monteiro, 2008:37-38), tal como ficou comprovado no decurso dos trabalhos de campo na freguesia de Lustosa. De facto, a esmagadora maioria das unidades agrárias inventariadas tem associado um conjunto mais ou menos diverso de estruturas de apoio, muitas das quais ainda em uso. De entre as mais recorrentes, destacam-se as estruturas de apoio à produção de vinho (lagares), mas sobretudo à secagem, armazenamento e moagem do cereal, nomeadamente o milho, como são as eiras. Estas, estruturadas com recurso a grandes lajes graníticas, surgem isoladas ou em conjuntos. Presença comum em todas as eiras, são os beirais. Construções robustas e austeras são, quase sempre, edificações de planta retangular de andar sobrado e escadaria de pedra adossada. Algumas, mais modestas, são térreas e apenas possuem 2 a 3 portadas em madeira, enquanto as maiores chegam, a ter 6 abertas para a eira. Os espigueiros são raros. Quase todos em ripado horizontal de madeira, são longos e apresentam forma pentagonal. O lastro é em madeira e o pé é alto com esteios de pedra sendo o assento estreito e fixado sobre um alicerce enterrado diretamente no solo. A cobertura é de telha, em duas águas. Intimamente associados a estes elementos de secagem e armazenamento de cereal estão os moinhos de água. Dos 28 moinhos identificados na freguesia de Lustosa, 18 receberam a designação da estrutura agrária à qual pertencem como é o caso do Moinho do Outeiro ou do Moinho de Cristelos).

Refletindo a diversidade de estruturas de apoio, a casa rural de Lustosa evidencia, ela própria, uma arquitetura feita de soluções que se adaptaram, no tempo, ao contexto ambiental, geográfico e, até, histórico-cultural de cada lugar. De facto, se existe um padrão comum a todas estas casas, ou quintas, arroladas, é a sua diversidade.

O pátio interior (o *quinteiro*) em «U» ou em «L», às vezes surge fechado, mas raramente é aberto. Na organização dos espaços, a casa tanto é sobradada, com o andar destinado à habitação e o térreo ao gado e a arrumações, como é térrea ficando a habitação a leadear as dependências que se distribuem ao redor do *quinteiro* que, às vezes, ainda é em terra. O aparelho é, em casos raros, de perpianho sempre à vista, embora a maioria das casas possua um aparelho misto ou inexistente. As fachadas que raramente são cegas, ostentam poucas aberturas



**Figura 4** Conjunto de representações gráficas das datas presentes em algumas dos portais das Unidades Agrárias de Lustosa (A-LUS34; B-LUS37; C-LUS47; D-LUS48; E-LUS105; F-LUS114)

ao nível do andar, quando este existe. Por vezes, a renovação das fachadas ditou a sua abertura ao exterior, rasgando novas janelas e portas onde andas corriam paredes nuas. Nos materiais, o granito domina sempre, a corneana às vezes. O xisto é raro, mas pontua os aparelhos mais irregulares. A telha é quase sempre recente, *marselhesa*. A telha caleira já é rara, tal como raros são as armações em madeira dos telhados, agora que as vigas de cimento substituíram os caibros de carvalho. O cimento abunda, bem como os blocos, o alumínio e os zincos. Por fim, os portais. A maioria é quadrangular. Alguns são de alpendre outros de coberto, constituindo o prolongamento lateral do telhado de duas águas que envolve o quinteiro e serve de arrumação para as alfaias. Outros ainda são abertos diretamente na fachada da casa (portais de fachada) e estão sob o andar, dando origem a passagens inferiores que comunicam diretamente entre o caminho e o *quinteiro*. Alguns portais, muito poucos, são em arco de volta redonda. Raros no contexto local e, por isso, elemento de luxo, estes portais recuados, localizam-se sob o andar e apresentam molduras e demais elementos em cantaria lavrada e bem aparelhada (Nunes e Lemos, pp.96-97).

Nos portais quadrangulares, mais rústicos, são frequentes as padieiras que ostentam inscrições memorativa, às vezes insertas em cartelas lisas ou medalhões floreados. Datas evocativas de reformas mais ou menos profundas ou, mesmo, edificações de raiz, estes elementos constituem dados valiosos sobre o contexto histórico que determinou cada uma destas edificações. Assim, verifica-se que 62,5% das datas registadas (n=10) remetem-nos para a 1ª metade do século XVIII e enquanto 37,5% (n=6) nos remete para a 2ª metade século XVIII. Estes dados sugerem, claramente, um período áureo de edificação ao longo do século XVIII, sobretudo na 2ª metade, possivelmente associado a um movimento de expansão económica associado ao alargamento da área cultivada, por um lado, e à aquisição das velhas terras de cultivo pelas famílias de ricos foreiros que, agora, dela faziam abastança, mas sobretudo ostentação e dignificação social (Nunes e Lemos, 2013, p.98).



Figura 5 Aspeto do caminho e fachada Este da Quinta do Rego (LUS123)

## Bibliografia

- Almeida, C.A.F. (1978). *Arquitectura Românica de Entre-Douro-e-Minho*. Porto: FLUP. (Policopiado).
- Capela, V.J., Matos, H. & Borralheiro, R. (2009) - *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Braga.
- Mattoso, J., Krus, I. & Andrade, A. (1986). Paços de Ferreira da Idade Média: uma sociedade e uma economia agrárias. *Estudos Monográficos*. Paços de Ferreira, p.173-191.
- Nunes, M. & Lemos, P. (2013). *Lustosa, Património e Identidade*. Lousada: JF Lustosa.
- Oliveira, E.V. & Galhano, F. (1998). *Arquitetura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote
- Silva, R.F.M. (1983). Contrastes e mutações na paisagem agrária das planícies e colinas minhotas. *In Estudos Contemporâneos*. N.º 5. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, p.9-115.
- Silva, I.L.M.S. & Monteiro, I.M.B.C. (2008). *Lousada, percursos de memória*. Lousada: CML